Negociantes portugueses e comércio em Santos no período de 1862 a 1892

Maria Suzel Gil Frutuoso
Universidade Católica de Santos – UniSantos
Liame – Laboratório de Informação, Arquivo e Memória da Educação

O PRESENTE ARTIGO, parte de uma pesquisa em andamento, tem como objetivo um estudo sobre a economia santista no século XIX. O período em foco é o de 1862 a 1892. Procura estabelecer a participação dos negociantes portugueses e aqueles em atividade de comércio no desenvolvimento econômico da cidade de Santos e na ocupação do espaço urbano, através dos locais de residência e das casas comerciais, quase sempre no mesmo endereço.

A principal fonte consultada para esta investigação foi o Livro de Registro de Sócios da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos, que permitiu verificar quem eram esses homens e suas atividades profissionais. Informações sobre, origem geográfica, idade, estado civil, endereço, data em que se associou, óbitos, e em diversos casos a escalada econômica e social de alguns associados e seu *status* na Instituição. Foram incorporados dados anteriormente pesquisados, mas o maior enfoque ficou para os anos de 1890-1892, e nos permitiu formar um quadro da participação dos portugueses na vida da cidade.

De 1862 a 1892 foram consultados 3.179 registros, incluindo além dos portugueses, que representavam amaioria, brasileiros e outros estrangeiros.

Santos – desenvolvimento urbano e econômico

A partir de meados do século XIX a cidade de Santos prepara-se para tornar-se um dos principais polos econômicos do país, impulsionada pela exportação do café, oriundo do interior paulista e pela ferrovia que ligava esse mesmo interior ao porto santista. Em fins do século XIX as obras portuárias se aceleram e modernizam-se as instalações. Os serviços de gás, água, transporte, iluminação são implantados, a explosão urbana está a caminho. Uma grande massa de imigrantes de diversas origens, sobretudo portugueses, chega a Santos, empregando-se em diversas atividades, principalmente na portuária.

A cidade até então insalubre, sujeita a inundações e epidemias, no início do século XX vai solucionar o problema com a abertura de canais que drenam a planície. O projeto de saneamento de Saturnino de Brito a tornaria segura e aprazível, facilitando a expansão urbana em direção a Barra,

atraindo a elite cafeeira, comercial, exportadora, importadora e financeira, além de milhares de operários de origem estrangeira.

É nesse palco de atividades que se destacam os imigrantes portugueses no período em questão.

O crescimento populacional

Os Censos mostram o crescimento da população santista, o número de imigrantes e de portugueses.

Em 1854 o presidente da Província de São Paulo, José Antônio Saraiva, ordenou que fosse feito um recenseamento, apurando para o município de Santos, 7855 habitantes, desses, 710 são estrangeiros. O de 1872 informa que havia 9.192 habitantes, sendo 1.577 estrangeiros desses 931 portugueses. No de 1913, a população chegou a 71.236 habitantes, sendo 33.612 estrangeiros, e os portugueses somam 18.856 indivíduos, representando mais de 50% do total de imigrantes.[1]

Esse aumento populacional pelo qual a cidade passava mostra a importância dos portugueses na ocupação da mesma.

Comércio e negócios

Através do porto de Santos importava-se artigos manufaturados para consumo na cidade de Santos, em São Paulo e no interior paulista. São têxteis, ferragens, barbantes, velas, óleos de linhaça, tecidos de aniagem, couro, goma-laca, cerveja, vinhos, azeite, sal, chapéus, cabelos para chapeleiros, luvas, perfumes, querosene, farinha de trigo, produtos de aço e ferro, cristais, louças, pianos, conservas, entre outros, movimentavam o porto. A exportação de café crescia. Na década de 1870 e principalmente nas de 1880 e 1890, o número de negociantes portugueses vistos nos registros de associados da Beneficência aumenta sensivelmente. Boa parte desses produtos foi importada e comercializada por eles. Os anúncios em revistas e jornais mostram também a atividade comercial dos lusos.[2]

Nesse período chegam mais imigrantes. Ao mesmo tempo em que cresce a população, cresce o consume e as profissões se diversificam, a comercial e de serviços, tendo à frente muitos negociantes, comerciantes, caixeiros, empregados no comércio, pedreiros, carpinteiros, canteiros, pintores, alfaiates, sapateiros, barbeiros, entre outras, participando dessa explosão de desenvolvimento.

Santos sendo uma cidade portuária, assim como outras cidades portuárias, concentrava forte população, pronta para o consumo, graças à geração de renda, e em se tratando de trabalhadores, consumiam provavelmente o básico, mas as camadas mais favorecidas consumiam muito mais, especialmente os artigos de luxo. Assim, a partir das três últimas décadas do século XIX a economia entra em franco progresso.

---

1 ÁLVARO, Guilherme. *A campanha sanitária de Santos: causas e efeitos*. São Paulo: Duprat, 1918, p. 13.

2 FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. *Emigração portuguesa e sua influência no Brasil: o caso de Santos – 1850 a 1950*. Dissertação (mestrado em História) – FFLCH-USP, São Paulo, 1989, p. 137-140.

A ferrovia inaugurada em 1867, ao mesmo tempo em que agilizava a exportação de café e outros produtos, facilitava o transporte de mercadorias importadas para São Paulo e interior, facilitando principalmente a ligação comercial, provocando impacto econômico.

À medida que a cidade se expande, a elite comercial reclamava o aparelhamento e a infraestrutura da cidade e a modernização do cais, a construção e maior extensão de pontes e de vias que facilitassem a circulação dos transportes.

A criação da Associação Comercial de Santos em 1870 que teve seus estatutos aprovados em 1871, marca a importância da classe empresarial ligada sobretudo ao café, reclamando os interesses da categoria.

Muitas casas comerciais e importadoras tinham armazéns próximos ao porto, construídos nos fundos de seus quintais contíguos às casas, com saída para mais de uma rua, como as ruas Santo Antônio e da Praia.[3]

Uma parte dos negociantes portugueses pesquisados, residiam em ruas próximas ao Valongo onde se encontrava a estação ferroviária. Eram as ruas de Santo Antônio, José Ricardo, XV de Novembro, Praça dos Andradas, Largo Marquês de Monte Alegre entreoutras.

Os portugueses e a Beneficência

A problemática situação sanitária da cidade, como já ficou evidenciado, levou à ocorrência de epidemias causando alta mortalidade. A Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos é criada por portugueses, em 1859, para tratamento dos seus associados.

A Instituição era referência para os lusos, tornando-se fonte importante de dados sobre os mesmos. Por isso, ser a principal fonte consultada. O período de 1862 a 1892 possibilitou compor um quadro quantitativo de sua participação na economia e na ocupação da cidade, através das atividades que exerciam, e em especial os negócios.

TABELA 1. Associados portugueses da Beneficência

Ano	Nº de associados
1862-1874	317
1875-1878	383
1879-1889	1.320
1890-1892	741
Total	2.761

3 Carina Marcondes Ferreira Pedro, em sua dissertação de mestrado (*Casas importadoras de Santos e seus agentes: comércio e cultura material – 1870-1900*), pesquisou as Atas da Câmara Municipal de Santos, verificou que esses homens ligados ao comércio interviram nos principais problemas urbanos do centro comercial, entre eles transporte, serviços de água, luz e o próprio porto (Encontro de Pós-Graduandos da FFLCH/USP de 23 a 26 de novembro de 2009, p. 3).

Em diversos registros não consta a nacionalidade/naturalidade. Em todos os períodos há associados estrangeiros: ingleses, alemães, espanhóis, suíços, italianos e um polonês. Os demais são brasileiros nascidos em Santos, em cidades do interior e em outras províncias, o mesmo ocorre com portugueses também residentes no interior e em outras províncias do país.

A pesquisa realizada anteriormente também, forneceu informações sobre os associados da Beneficência, possibilitando compor um quadro mais abrangente sobre os mesmos. A exemplo de um jovem de 16 anos, que se associa como caixeiro, quinze anos depois em seu registro há outras dados: casado, negociante, benfeitor e benemérito da Instituição, indicando mudança de *status* socioeconômico. Seu nome, José Bento de Carvalho.

Os registros mostram portugueses em diversas ocupações profissionais: trabalhadores, caixeiros, operários, pedreiros, carpinteiros, canteiros, ferreiros, negociantes, comerciantes etc. e o leque de profissões é ampliado ano a ano. Entretanto, o que mais chamou a atenção ao longo do período pesquisado foram os negociantes, caixeiros, do comércio e trabalhadores, que sempre estiveram em destaque, sua classificação modifica-se conforme o período estudado, são, portanto, bastante significativos.

Na atual fase, reunimos dados de 1862 a 1889 e os de 1890 a fevereiro de 1892, obtendo um panorama sobre esses profissionais. Buscou-se identificar os negociantes/comércio, associados à Beneficência, seus nomes, naturalidade, estado civil, idade, residência, compondo-se assim, um arquivo dos mesmos. Referente ao período de 1892-1892, foram elaboradas tabelas, citando nomes, naturalidade, idade, estado civil, residência, de negociantes e os "do comércio".

Ao se declarar negociante, ou do comércio, o ramo não é informado, mas a preferência dos lusos pelas casas comerciais e atividades relacionadas com alimentos é comum.

Negociantes portugueses nos registros da Beneficência

De 1862 a 1874, o número de negociantes representou 1/3 (um terço) dos registros consultados. Das 317 fichas de portugueses, 104 eram negociantes, cerca de 30% (trinta por cento) dos associados.

A Beneficência dava seus primeiros passos e trouxe para seu quadro associativo, pessoas com posses ou algumas posses, várias delas com destaque na comunidade.

TABELA 2. Negociantes[4] portugueses nos registros da Beneficência

Ano	Nº de negociantes
1862-1874	104
1875-1878	68
1879-1889	153
1890-1892	50
Total	375

4 Havia mais 07 negociantes de cidades do interior.

Verifica-se que o número de negociantes no início dá década de 1890 foi bastante alto, comparado aos períodos anteriores.

TABELA 3. Média dos períodos

Ano	Média
1862-1874	8
1875-1878	17
1879-1889	13
1890-1892[5]	25

O comércio e os negócios sempre estiveram presentes no horizonte dos portugueses e a cidade de Santos oferecia essa oportunidade. O constante crescimento de negociantes que se associaram à Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos indica que esta era uma profissão em ascensão, voltada para um mercado em expansão, e a década de 1890 foi uma década de franco desenvolvimento econômico para Santos.

A categoria "comerciante" ou do "comércio" que pouco aparecia antes de 1890, a partir desse ano até 1892 é citada com mais frequência. São 50 negociantes e 35 do comércio, não se identificam como comerciantes ou empregados do comércio, apenas do comércio. A rubrica "comércio" pode tanto se referir à classe de comerciantes (que trabalham com o comércio, que comercializam, vendem, compram, trocam, permutam, ou de indivíduos que trabalham no comércio). O outro grupo importante é o de caixeiros que desde 1862 a 1892 teve um crescimento constante, assim como os trabalhadores.

TABELA 4. Profissões

	1862-1874	1875-1878	1879-1889	1890-1892
Negociante	104	68	153	50
Caixeiro	50	57	219	61
Comércio	1	-	14	35
Comerciante	-	-	9	-
Trabalhador	213	59	182	524
TOTAIS	368	184	577	670

5 Neste período (1890-1892), associaram-se 11 açorianos e 11 madeirenses; dos açorianos, 01 era negociante e 01 indicou comércio; os madeirenses, 01 negociante e 03 indicaram comércio.

Cresce também o número de outros profissionais.

TABELA 5. Outras profissões (1890-1892)[6]

Operário	33
Carpinteiro	22
Canteiro	14
Pedreiro	12
Alfaiate	08
Barbeiro	06
Jornaleiro	05
Marítimo	05
Sapateiro	05
Ferreiro	04
TOTAL	114

Boa parte dos caixeiros residia nas mesmas ruas dos negociantes indicando provavelmente que o local de residência fosse o próprio local de trabalho. Nem sempre os registros informam a profissão dos associados.

Das atividades exercidas por portugueses destacaram-se, padarias, confeitarias, cafés, adegas, tabernas, bares, restaurantes, pensões, armarinhos, lojas de calçados e malas, oficinas diversas, charutarias, materiais para construção, serralherias, serrarias, confecção de móveis, janelas, portas, e entre outras, identificam-se comboa parte dos portugueses. Negociavam também com farinhas, arroz, aguardente, açúcar, alfafa, entre outras, em Santos. Casas comercias e importadoras, como a Bento de Souza e Cia, trabalhava com produtos importados e nacionais.[7]

Portugueses ocupam a cidade: expansão urbana e explosão populacional

Em trinta anos, negociante/comerciantes, caixeiros, ocuparam principalmente as ruas do centro da cidade, e aquelas próximas à estação ferroviária e ao porto. Era comum que residência e negócios ficassem no mesmo local, a firma na frente e no térreo e a residência no primeiro andar ou nos fundos. A partir desses endereços é possível verificar os espaços ocupados pelos lusos na cidade de Santos, tanto do núcleo central quanto nas ruas mais periféricas e nas da zona portuária e das artérias que seguiam em direção às praias, a exemplo da Rua Conselheiro Nébias e Senador Feijó.

6 Artista, Contador, Cocheiro, Cozinheiro, Costureira, Despachante, Estivador, Ferrador, Jardineiro, Padeiro, Pintor, Serralheiro, um ou dois indivíduos em cada profissão.

7 FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. *Op. cit.*, p. 135.

Em outras, como a Marquês de Herval, Xavier da Silveira, Largo dos Gusmões, São Bento, São Leopoldo, embora nelas residissem negociante/comércio, residiam também outros profissionais.

A rua XV de Novembro era o centro dos grandes negócios do café, outras eram, paralelas ou transversais à rua XV de Novembro (Ruas Santo Antônio, José Ricardo, General Câmara (esta reúne grande número de comerciantes/negociantes, rua de forte atividade comercial), do Rosário, Frei Gaspar, Amador Bueno, Praça dos Andradas, 25 de Março, Martim Afonso, Visconde do Rio Branco, Largo de São Bento e Rua São Bento, Conselheiro Nébias, Senador Feijó, São Francisco, 7 de setembro, Bittencourt, quase todas no centro ou próximas a ele, onde residia a maior parte da população, uma vez que a expansão efetiva da cidade ocorreria com maior intensidade a partir da década de 1890.

Parte desses negociantes indicavam o número completo de sua residência ou apenas a cidade de Santos. Outros portugueses associados à Beneficência, residiam no Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas, Jundiaí, Limeira, Amparo, como já foi citado, tinham provavelmente relações comercias ou familiares em Santos.

As tabelas mostram a residência de negociante e a importância dessas ruas na atividade comercial e de negócios em geral.

A Rua XV de Novembro, antiga Rua Direita atravessava todo o antigo vilarejo, nela se situavam as principais edificações administrativas, religiosas, militares e particulares. Foi a mais importante nos primeiros séculos da então vila de Santos.

A Rua Santo Antônio é a atual Rua do Comércio; sobre esta rua Gino Barbosa escreve:

> [...] reflete a expansão do povoado para o setor Oeste da cidade [...] os assentamentos iniciais estabeleceram a vocação residencial que se consolidou até o final do século XIX, quando a região sofreu transformações no uso dos edifícios, passando a acolher uma próspera zona comercial. Reuniam-se lá setores sociais distintos, agregando parte das famílias ricas da cidade, postadas nas proximidades da Igreja de Santo Antônio, em contraposição aos mestiços e escravos alforriados situados na extremidade oposta da rua [...].[8]

Em 1865, a Rua Santo Antônio mostrava os primeiros sinais de prosperidade econômica, acelerada nas décadas subsequentes pela exportação cafeeira.

O ano também marcou a construção do sobrado do comerciante português, Manoel Joaquim Ferreira Neto, edifício neoclássico, nos números 92 a 98 da rua e tombado pelo IPHAN, funcionava como residência, escritório e armazém da Casa de Comércio Ferreira Neto e Cia. O sobrado atualmente é conhecido como Casa Azulejada. Nessa rua havia imponentes casarões em meio ao incessante movimento de carroças e pessoas. A Rua José Ricardo, a antiga Rua do Sal, terminava no Porto do

8 BARBOSA, Gino Caldatto. *Santos e seus Arrabaldes. Álbum de Militão Augusto de Azevedo*: 2004. Disponível em: <www.novomilenio.inf.br/santos/fotooonm.htm>. Acesso em: abr. 2012 (esta notícia também foi publicada no jornal santista *Revista Comercial*, em 30 de março de 1965, p. 2 e em 10 de junho de 1865, p. 3).

Bispo, área portuária. Eixo viário pequeno, restrito às ruas da Praia e Santo Antônio com acesso direto ao Porto do Bispo. Foi local de estocagem de sal para abastecimento da Capitania de São Vicente e da região sul, entre os séculos XVII e XIX.

> [...] os antigos armazéns de sal foram sendo adquiridos pelo Comendador Manoel Joaquim Ferreira Neto no início de 1860 como parte de um complexo imobiliário que o comerciante pretendia reunir no logradouro. Investimentos que se incorporaram à ponte sobre o mar, no prolongamento da Rua do Sal, para ancoragem do navio *Santista,* que o empreendedor encomendara aos estaleiros da cidade do Porto, em Portugal.[9]

A Rua Antonina, esteve ligada à formação de Santos. Via pequena e estreita, era definida pelo cruzamento do antigo "Quatro Cantos", com a Rua Santo Antônio, e intermediava a comunicação com o eixo da Rua Direita (hoje XV de Novembro), com o bairro do Valongo. No final do século XIX recebeu diferentes nomes, como Rua 25 de Março, quando se juntou à Rua Direita, até ganhar a denominação atual de Rua XV de Novembro, após a implantação da República no país. Os Quatro Cantos: encontro da Rua da Alfândega velha, atual Frei Gaspar, a Rua Direita, a Rua Antonina e o Beco do Império.

A Rua do Rosário e o Largo do Rosário são atualmente, a Rua João Pessoa e a Praça Rui Barbosa; a Marquês de Monte Alegre, onde se encontrava a estação ferroviária no bairro do Valongo; a São Francisco, em seu início foi o antigo local do Rancho Grande dos Tropeiros; a 7 de setembro, confluência com a Conselheiro Nébias. O Largo da Coroação ou Campo da Misericórdia, atual Praça Visconde de Mauá, à direita ficava a Rua General Câmara e a Dom Pedro II; aSenador Feijó, começava no centro da cidade com a Praça da República e se estendia para o atual canal 3. O Largo do Carmo, atual Praça Barão do Rio Branco, local da Igreja do Carmo. O Largo da Imperatriz, é a atual Rua Dona Tereza Cristina, esposa do imperador Dom Pedro II; a antiga Rua Formosa, situada no bairro do Valongo, era o eixo viário de ligação de Santos com o Planalto (São Paulo), no final de 1865 passa a ser São Leopoldo, em seguida Rua Visconde de São Leopoldo, como hoje é conhecida.

A Rua General Câmara, antiga Rua dos Açougues e Rua Áurea. Durante os tempos da Abolição e da República quase toda a alta sociedade residia nessa rua, que atualmente é uma das principais do centro da cidade. No início do século XIX chamava-se Rua dos Açougues, porque aí se concentravam quase todas as casas do ramo, pertencentes a Henrique Ablas e a Manoel do Sacramento, nascido em Portugal por volta de 1780, veio para o Brasil, fixando-se em Santos, adquiriu terras, aumentando-as aos poucos com novas compras depois de 1820. Nessa região havia matas com muitos pássaros "macucos", daí chamarem o proprietário de "Macuco". Sua família deu início ao bairro do Macuco e sua filha mais nova Dona Luíza Macuco é nome de rua no bairro, foi quem iniciou o loteamento (toda a família ficou

9 *Ibidem.*

conhecida como Macuco). Dona Luiza faleceu em 1884. O Macuco torna-se um bairro de operários, ocupado principalmente pelos trabalhadores portuários, e nele residiram muitos portugueses.

No Caminho Velho da Barra, chácaras e mansões surgiram em fins do século XIX na ligação entre o bairro central e a região praiana, denominada Barra e que hoje é conhecida como Boqueirão. O Caminho começava na atual Rua Bráz Cubas (ia pela atual Osvaldo Cruz e prosseguia pelaLuiz de Camões). A Rua Xavier da Silveira, na zona portuária /cais. A Rua Senador Feijó, antiga Rua da Alfândega, quando esta foi transferida em 1865 para a região da atual Praça da República. O nome de Rua da Alfândega foi dado primeiro à atual Rua Frei Gaspar.

A Rua da Praia, depois Tuiuty (chegava à praia/porto), ao Porto do Bispo, região estruturada em consonância com o crescimento da zona portuária para a face Oeste da cidade, e onde se localizavam diversos armazéns e negociantes, entre eles portugueses. O Comendador Barnabé Francisco Vaz de Carvalhais, nasceu na Vila de Barcelos, Portugal. Veio para Santos com 22 anos de idade em 1812. Trouxe algum pecúlio, foi favorecido pela atividade econômica. Estabeleceu-se na Rua da Praia, número 01, bem na esquina desta com o Largo da Praia ou dos Gusmões. Faleceu em 1867 com 77 anos. Negociante, formou na cidade uma família importante.[10]

A Rua São Bento, era a antiga Rua dos Curtumes. Mudou de nome já no século XVIII, em virtude da presença beneditina ao pé do morro, área residencial na periferia da cidade "predomínio de casinhas térreas alinhadas, seguindo o leito tortuoso do córrego que descia do morro em curto trajeto até desaguar no estuário".[11]

A Marquês de Herval, antiga Rua da Penha (próxima ao morro da Penha), aí residiam muitos portugueses de várias profissões.

O Largo dos Gusmões, no centro da Santos antiga (atual Rua Antonio Prado, esquina da Travessa Visconde de Vergueiro). Esse Largo desapareceu com a construção do cais pela Cia. Docas de Santos, ficava próximo ao Valongo. A Bittencourt, é a antiga Rua Fresca. AAmador Bueno, na área central, estendia-se em direção ao Paquetá, esse local em 1898 era quase ermo. A Rua Martim Afonso, entre as Praças da República e Barão do Rio Branco.

A Rua Octaviana, que em 1887 teve seu nome mudado paraRua Conselheiro Nébias, em homenagem ao santista Joaquim Octávio Nébias, nascido em 1811, que foi juiz municipal de Santos em 1834 e conselheiro imperial de Dom Pedro II. Na época em que se chamava Rua Octaviana era um charco. O processo de urbanização começou em 1892. O trecho inicial no bairro do Paquetá, próximo ao centro. A Rua Conselheiro/Avenida Conselheiro Nébias foi criada em função dos trilhos do bonde, ligando o núcleo central à Barra (Boqueirão), onde se situavam as chácaras e casas de veraneio da elite econômica local e paulistana.

10 Disponível em: <www.novomilenio.inf.br/fotooo.htm>. Acesso em: abr. 2012.

11 BARBOSA, Gino Caldatto. *Op. cit.* (Para acompanhar a expansão e a história das ruas santistas, consultar, "Santos Antiga". Disponível em: www.novomilenio.inf.br/fotooo.htm. Acesso em: abr. 2012).

Quando observamos fotos e cartões postais antigos da cidade de Santos e seguimos os endereços dos portugueses, verificamos, os belos prédios da época de desenvolvimento e os espaços periféricos, locais insalubres, onde também viviam portugueses, trabalhadores e de outras profissões.

As tabelas do período de 1862 a 1889, publicadas em artigos anteriores e já referenciadas neste trabalho, mostram que os portugueses de todas as profissões espalharam-se por todas as ruas centrais e aquelas próximas ao centro comercial e as periféricas, mas os negociantes/comércio quase sempre estiveram localizados nas ruas mais centrais e comercias.[12]

TABELA 6. Residência dos negociantes (1890 a 1892)

Rua 25 de Março	07
Rua Marquês de Herval	04
Rua Santo Antônio	04
Rua Senador Feijó	03
Rua Frei Gaspar	02
Rua General Câmara	02
Rua Martim Afonso	02
Rua doRosário	02
Rua Visconde do Rio Branco	02
Rua Amador Bueno	01
Rua ConselheiroNébias	01
Rua 7 de Setembro	01
Rua São Bento	01
Rua Xavier da Silveira	01
Largo dos Gusmões	01
Raíz da Serra (Cubatão)	01
Cubatão/Santos	02
Santos (a cidade)	13
Total	**50**

12 FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. "Portugueses em Santos vistos através dos registros de associados da sociedade portuguesa de Santos (1879-1889)". In: SOUSA, Fernando de *et al* (coord.). *Um passaporte para a Terra Prometida*. Porto: CEPESE/ Fronteiras do Caos, 2011, p. 380.

TABELA 7. Endereços comerciais (1890 a 1892)

Rua 25 de Março	10
Rua Marquês de Herval	04
Rua General Câmara	03
Rua Frei Gaspar	03
Rua São Francisco	03
Rua Santo Antônio	02
Rua Visconde do Rio Branco	02
Rua São Leopoldo	02
Rua Amador Bueno	01
Rua Martim Afonso	01
Rua Senador Feijó	01
Rua Xavier da Silveira	01
Rua Octaviana	01
Santos (cidade)	01
Total	35

Os nomes e endereços permitem melhor acompanhar esses negociantes nos anos de 1890-1892:

TABELA 8. Nomes e endereços residenciais (1890 a 1892)

Nome	Naturalidade	Idade	Estado Civil	Residência
Adelino de Almeida Azevedo Castro	Carvalhal Redondo	35	Casado	Rua 25 de Março
Bernardino da Costa Andrade	São Tirso	32	Casado	Largo dos Gusmões
Ayres HipólitoMoreira	Arouca	22	Solteiro	Rua Amador Bueno
Manoel Gonçalves Ramalho	Português	43	Casado	Rua Visconde do Rio Branco
Victorino Abrunhosa	Português	-	Solteiro	Santos (cidade)
Viriato Diniz Correia da Costa	Português	-	Casado	Santos
Virgílio da Fonseca	Mussulão	23	Solteiro	Raíz da Serra (Cubatão)
António Alfredo Vaz Cerqueiro	Português	44	Casado	Santos (cidade)
José Gomes de Oliveira Carneiro	Português	-	Casado	Santos
João Marcos Coimbra	Português	-	Casado	Santos
Manoel da Rocha	Português	-	Solteiro	Santos
José Ribeiro de Souza	Português	-	Solteiro	Santos

António Pereira de Carvalho	Português	-	Casado	Santos
João de Andrade Bastos	Português	-	Casado	Santos
Joaquim Pedro Belmarço	Português	-	Solteiro	Santos
Jacintho Feliciano Pimentel	Português	-	Solteiro	Santos
João Amorim	Póvoa de Varzim	48	Casado	Limeira
João José da Silva	Português	-	Solteiro	Santos (cidade)
José Duarte de Figueiredo	Cabril	32	Casado	Rua 25 de Março
Luiz Augusto Correia da Cunha	Braga	28	Solteiro	Praça Visconde do Rio Branco
Comendador João Franco Ferreira J.	Aveiro	47	Casado	Campinas
João Gomes de Oliveira Carneiro	Português	-	Casado	Amparo
Joaquim Machado Junior	Português	-	Casado	Amparo
Manoel de Oliveira	Oliveira do Canda	33	Casado	Rua Marquês de Herval
Manoel Pinheiro das Rozas	I. do Faial/Açores	36	Viúvo	Rua Xavier da Silveira
Lino Luiz de Almeida Mattos	Viseu	43	Solteiro	Rua 25 de Março
José António Roiz Monteiro	Sta. Mª. Carvaciro	37	Viúvo	Rua Marquês de Herval, 64
Júlio Pinto da Rocha	Português	23	Solteiro	Santos
Vicente Ferreira Martins	Português	24	Solteiro	Rio de Janeiro
Antonio Moreira das Neves	Cambrise	40	Casado	Rua Visconde do Rio Branco
Joaquim de Azevedo Andrade	Paços de Souza	32	Solteiro	Rua Senador Feijó
Inocêncio Augusto Pereira	Monção	34	Solteiro	Rua 25 de Março
Bernardino Pinto de Almeida	Santa Marinha	33	Casado	Rua Frei Gaspar, 31
Manoel Teixeira	S. Romão	29	Casado	Cubatão/Santos
José Farões	S. Pedro Fins	32	Casado	Cubatão/Santos
Antonio Joaquim da Motta	S. Romão	20	Solteiro	Rua Marquês de Herval, 77
António Alonso	Mangualde	25	Solteiro	Rua Martim Afonso
José Corrêa	S. Thiago da C.	27	Solteiro	Rua General Câmara, 79
Hermínio Constantino de Souza (o nome foi corrigido no registro para Hermínio Constantino de Almeida)	Praia da Nazareth	21	Casado	Rua Santo Antonio, 24
José Pereira da Rocha	Avintes	41	Solteiro	Rua 25 de Março, 54
Francisco José Coelho	Cantanhede	47	Casado	Rua Santo Antonio
Antonio Pinto Sª Oliveira	Sta. Mª. do Olival	53	Solteiro	Rua General Câmara, 254
Joaquim Godinho da Anna	Leiria	33	Solteiro	Rua Frei Gaspar, 26
José Joaquim de Barros	Vila Nova Cerveira	24	Solteiro	Rua 7 de Setembro, 3

José Simplício	Ericeira	30	Casado	Rua do Rosário
Augusto Cesar de Almeida Cardozo	Castelo Rodrigo	30	Solteiro	Rua 25 de Março
Antonio Teixeira de Azevedo	Val de Hermida	22	Solteiro	Rua Senador Feijó, 25
Francisco Freire Balsa	Figueiró d. Vinhos	30	Solteiro	Rua Senador Feijó, 18
João Agostinho Junior	Maçãs de Caminha	27	Casado	Rua do Rosário, 153
José Maria de Miranda Filho	São Pedro do Sul	34	Viúvo	Rua Santo Antonio, 23
José Antonio da Fonseca	Oliveira do Hospital	32	Casado	Rua São Bento, 59
Joaquim Pinto da Fonseca	Barqueiros	37	Viúvo	Rua Marquês de Herval
Manoel Moreira de Mattos	Porto	22	Solteiro	Rua ConselheiroNébias
Manoel Gonçalves	Ilha da Madeira	56	Casado	Rua 25 de Março, 42
Manoel dos Passos	Avelar	27	Solteiro	Rua Martim Afonso
Antonio José Pereira	Português	-	-	Campinas
Antonio Gomes de Oliveira Carneiro	Português	-	Casado	Amparo

TABELA 9. Nomes e endereços comerciais (1890 a 1892)

Nome	Naturalidade	Idade	Estado civil	Residência
Antonio de Almeida	Viseu	30	Solteiro	Rua Amador Bueno
José Teixeira Marques	Vila Real	17	Solteiro	Rua Octaviana
João Correia da Costa	Lousã	22	Solteiro	Rua Xavier da Silveira
Manoel Eustachio de Oliveira	Braga	-	Solteiro	Rua 25 de Março
Antonio Martins Ruas	Caminha	46	Casado	-
José Bento Dias	Açores (S.Miguel)	51	Solteiro	Rua Santo Antonio, 23
Carlos Simões de Almeida	Figueiró dos Vinhos	40	Solteiro	Rua 25 de Março
Manoel Gonçalves Lopes	Santa Marinha F.	36	Viúvo	Rua Senador Feijó,122
José Pereira da Cruz Rocha	Gouvães do Douro	18	Solteiro	Rua 25 de Março, 46
João da Silva Raposo	Açores (S.Miguel)	22	Solteiro	Rua 25 de Março, 70
João Baptista Ribeiro	Pinhão	22	Solteiro	Rua 25 de Março, 46
José Freorias de Souza Santos	Pegurinhos	24	Solteiro	Rua Frei Gaspar, 13
Alfredo Ferreira	Cedofeita	30	Casado	Rua São Francisco, 141
Manoel da Cunha	Loivos da Ribeira	36	Viúvo	Rua São Leopoldo, 114
Antonio Pinto do Couto	Vila Nova de Gaia	25	Solteiro	Rua Gal. Câmara, 65
Manoel Simões da Silva Roza	Chão de Couce	24	Solteiro	Rua Martim Afonso, 51

Manoel José Pontes	Ilha da Madeira	20	Solteiro	Rua 25 de Março, 5
Antonio de Miranda	Cantenhede	17	Solteiro	Rua Visc.do Rio Branco, 11
Antonio Gomes Campos	Valadares	15	Solteiro	Rua São Leopoldo, 43
Manoel Antonio da Cunha	Arcos de Valdevez	31	Solteiro	Rua Marques de Herval, 41
Salvador da Costa Godinho	Oliveira de Azemeis	15	Solteiro	Rua Frei Gaspar, 17
Lucas da Costa	Santa Marinha	23	Solteiro	Rua Gal. Câmara, 102
Joaquim Euzébio Rodrigues	São Martinho Cristoval	25	Solteiro	Rua 25 de Março, 42
Belmiro Ribeiro dos Santos	Gondomar	20	Solteiro	Rua 25 de Março, 9
Júlio Casimiro da Cunha	Ilha da Madeira	22	Casado	Rua São Francisco, 153
Paulo José da Cunha	Ilha da Madeira	16	Solteiro	Rua São Francisco, 153
Antonio Estrela Varanda	Alijó	21	Solteiro	Pça. Visc. Do Rio Branco, 2
Manoel Maria Paz	Travães	26	Casado	Rua 25 de Março, 26
Joaquim Pereira da Silva	Vila Nova de Gaia	41	Solteiro	Rua Santo Antonio, 21
Antonio Ribeiro	Loivos da Ribeira	12	Solteiro	Rua Marques de Herval, 71
Manoel Ribeiro	Liovos da Ribeira	11	Solteiro	Rua Marques de Herval, 71
José Ferreira de Andrade Costa	Oliveira de Azemeis	28	Solteiro	Rua Frei Gaspar, 17
Augusto de Souza Moureira	Silva Escura (?)	22	Solteiro	Rua Gal. Câmara, 68
Francisco Pereira	Loivos da Ribeira	l5	Solteiro	Rua Marques de Herval
Daniel Gonçalves	S. Martinho d'Alvando (?)	21	Solteiro	Rua 25 de Março.

Origem geográfica dos portugueses

Por quase todo o período de 1862 a 1892, não há grandes mudanças na origem geográfica, a grande maioria, vem dos distritos do Norte e do Centro de Portugal, sobretudo do Porto, Vila Nova de Gaia, Póvoa de Varzim, Viana do Castelo, Braga, Coimbra, Aveiro, Vila Real, Viseu, e aqueles oriundos dos Açores e da Ilha da Madeira. São principalmente homens jovens e solteiros. Em certos momentos, alguns distritos assumem a liderança, como é o caso dos distritos ao longo do Douro por ocasião da crise da vinha, atacada pelo oídio e depois pela filoxera que empurrou um grande número de portugueses para a imigração, sobretudo os mais jovens.[13]

Entre os insulares até ao final da década de 1880, marcam presença os açorianos, mas entre os anos de 1890-1892, os madeirenses se equiparam a eles, passam a ser mais comuns nos registros dos associados.

13 FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. *Op. cit.*, p. 21.

TABELA 10. Insulares em Santos (1890-1892)

Período	Açorianos[14]	Madeirenses
1862-1874	29	5
1875-1878	20	-
1879-1889	88	6
1890-1892	11	11
Totais	148	22

É provável que o aumento dos madeirenses esteja ligado ao grande desenvolvimento pelo qual a cidade passava, a construção do cais de pedra e o aumento da atividade portuária que atraia cada vez mais imigrantes.

Se antes o maior número de associados era de solteiros na a faixa etária entre20 e 39 anos, com maior concentração de idade entre 22 e 30 anos, na década de 1880 o de casados é significativo. De 1890-1892 no caso dos negociantes, praticamente empatam com os solteiros, e no que se refere aos "do comércio" os casados também estão próximos ao número de solteiros.

Beneméritos e benfeitores associados entre 1890-1892

Parte desses negociantes e do comércio que se associaram à Instituição quando muito jovens, tornaram-se benfeitores e beneméritos da mesma. Alguns eram caixeiros ou de outras profissões, alguns tornam-se negociante e capitalistas, apontando para uma mudança socioeconômica.

Ano de 1890

- Bernardino da Costa Andrade, 32 anos, casado, natural de São Tirso, negociante, residia no Largo dos Gusmões. Em 1894 é também capitalista, reside na Rua 25 de Março, 94. Benemérito. Faleceu em 10/11/1906;
- José Bento de Carvalho, 16 anos, natural de Óbidos, caixeiro. Benemérito em 1926, negociante/importador, casado, Cruz de Honra em 1946;
- Manoel da Rocha, 22 anos, negociante. Benemérito em 1902, capitalista;
- José Maria Simões Lopes, 21 anos, natural de Rio Tinto, trabalhador. Benfeitor em 1924 e Benemérito em 1936;
- António Domingos Pinto, 24 anos, natural de Aveiro, carpinteiro. Benemérito em 1904 e Cruz de Honra em 1942;
- José Ribeiro, 13 anos, natural de Vila de Feira, trabalhador. Benfeitor em 1955;

14 11 açorianos: 8 de São Miguel, 1 da Terceira, 1 do Faial, 1 indicou apenas Açores.

- Manoel Alves Pereira, 29 anos, natural de Oliveira do Douro, contador, residia na Rua Senador Feijó, depois artista. Benfeitor em 1902, residindo na Rua Bittencourt;
- Antonio Marques Ferreira, 25 anos, natural de Rio de Vide, operário. Benfeitor, em 1934.
- Virgílio da Fonseca,23 anos, natural de Mussulão, negociante, benfeitor;
- Victorino Abrunhosa, português, negociante, benfeitor;
- Viriato Diniz Correia da Costa, português, negociante. Benfeitor em 1891;
- José Ribeiro de Souza, português, negociante, benfeitor;
- João de Andrade Bastos, português, negociante, benfeitor;
- João José da Silva, português, negociante, benfeitor;
- Luiz Augusto Correia da Costa, 28 anos, natural de Braga, negociante, benfeitor;
- Antonio Alfredo Vaz Cerqueiro, 44 anos, português, negociante, benfeitor;
- José Gomes de Oliveira Carneiro, português, negociante, benfeitor. Benemérito em 1891;
- João Marcos Coimbra, português, negociante, benfeitor;
- Manoel da Rocha, português, 22 anos, negociante, benfeitor. Benemérito em 1902, faleceu em 1929;
- Antonio Pereira de Carvalho, português, negociante, benfeitor;
- Joaquim Pedro Belmarço, Português, negociante, benfeitor;
- Jacintho Feliciano Pimentel, português, negociante, benemérito;
- Luiz Bernardo Lopes, português, benemérito;
- Joaquim Ribeiro da Silva Porto, português, benemérito;
- Maria da Conceição Germano, portuguesa, casada, benfeitora;-José Martins Roque Junior, 20 anos, natural de Cabreiros. Benfeitor em 1914, como José Martins Leal (casado);
- José Teixeira Marques, 17 anos, natural de Vila Real, comércio, residente na Rua Octaviana. Benfeitor em 1900, residindo na Rua Conselheiro Nébias, casado, comércio, com o nome de José Teixeira Marques Vale.

Ano de 1891

- Joaquim da Cruz Montes, 16 anos, natural de Pinhão do Douro, caixeiro. Benfeitor em 1924.
- António Godinho Simões Gonçalves, 15 anos, natural de Agueda, caixeiro. Benfeitor em 1936;
- António Marcos Ferreira, 23 anos, natural de Vilarouca, caixeiro. Benfeitor em 1907, Benemérito em 1909 e Cruz de Honra em 1927;
- José Lourenço, 22 anos, natural de Miranda do Corvo, trabalhador. Benfeitor em 1926;
- Manoel Peixoto Ferreira de Souza, benfeitor. Faleceu em 1926;

- Manoel Lopes Leal, benemérito;
- Firmino Ferreira Leão de Moura, benemérito;
- Manoel da Costa Oliveira, benemérito;
- José Avelino da Veiga Machado, benemérito;
- Manoel Joaquim Peixoto de Souza, benemérito;
- José Pereira da Cruz Rocha, natural de Gouvães do Douro, comércio. Benfeitor em 1913;
- Salvador da Costa Godinho, 15 anos, natural de Oliveira de Azemeis, comércio. Benfeitor em 1944;
- Francisco José Coelho, 47 anos, natural de Cantanhede. Benfeitor (em data posterior, não informa a data);
- Júlio Casimiro da Cunha, 22 anos, natural da Ilha da Madeira, comércio. Benfeitor (em data posterior, não informa a data);
- José Ribeiro Leite, 36 anos, natural de Felgueiras, artista. Benfeitor (em data posterior, não informa a data);
- Francisco José Pereira, natural de Catanhede. Benfeitor;
- José Maria de Miranda Filho, natural de São Pedro do Sul. Benfeitor.

Ano de 1892

- Manoel José Pontes, 20 anos, natural da Ilha da Madeira, comércio. Benfeitor em 1944;
- José Antonio da Fonseca, natural de Oliveira do Hospital. Benfeitor.

Considerações

A pesquisa referente a três décadas que vão de 1862 a 1892, oferece um panorama do desenvolvimento econômico e urbano pelo qual passava a cidade de Santos, polo de atração de imigrantes de diversas origens, em especial portugueses. Ao iniciar a investigação referente às décadas de 1860-1870, verificou-se que havia um bom número de lusos ligados aos negócios, que fundaram e se associaram à Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos, embora sem uma pesquisa mais acurada sobre os mesmos, fica claro tratar-se de indivíduos radicados na cidade bem antes de 1860. São nomes marcantes na sociedade santista, como o de Manoel Joaquim Ferreira Neto, da Casa de Comércio Ferreira Neto e Cia., o Comendador, Barnabé Francisco Vaz de Carvalhais, negociante, que chegou em 1812, Manoel do Sacramento, proprietário de açougues e de terras que deram origem ao bairro do Macuco, reforçando a ideia de que a Colônia Portuguesa Santista, sempre foi ativa.

No período de 1862 a 1892, destacam-se entre outros, Bernardino da Costa Andrade, José Bento de Carvalho, Manoel da Rocha, José Carneiro de Souza Bastos, Antonio Pereira de Carvalho, nomes que saltam das páginas do Livro de Associados da Beneficência.

A partir das tabelas referentes a negociantes/comércio e da ocupação urbana através dos locais de residência e negócios, constata-se que habitavam praticamente toda a cidade, dos locais mais nobres, em sobrados imponentes, nas ruas do núcleo central, a exemplo da Rua Santo Antonio e Rua 25 de Março, em ruas mais próximas à zona portuária, como a Rua Xavier da Silveira, ou naquelas periféricas, no sopé e subida de morros, que mesmo não sendo distantes do centro, não eram nobres, ou ainda, áreas alagadiças, onde por exemplo, estava localizada a Rua Octaviana, urbanizada apenas em 1892, quando recebeu o nome de Rua Conselheiro Nébias, e na qual residiam muitos portugueses.

As construções, casarões, pequenas casas e chalés, muitas delas transformadas em pensões ou acolhendo famílias. Foi vivendo dessa forma que os lusos ocuparam Santos.

As tabelas permitem acompanhar as profissões. Pesquisas e estudos já publicados e citados neste artigo, também apresentam tabelas e informações que mostram dados quantitativos e qualitativos sobre os portugueses em Santos. O principal enfoque foi o período inicial da última década do século XIX (1890-1892), década que prometia grande desenvolvimento econômico, atividades diversificadas e portuárias, crescimento populacional e expansão urbana, dos quais participaram portugueses.

No período há um crescente número de associados à Beneficência, negociantes, do comércio, caixeiros, trabalhadores e de outras profissões, residentes em Santos e de negociantes e capitalistas de cidades do interior de São Paulo e de outras províncias do país, a exemplo do Rio de Janeiro e Bahia, demonstrando o próprio crescimento da Instituição.

No início da década de 1890 alguns eram jovens, permanecendo em atividade ainda na primeira metade do século XX, recebendo títulos de benfeitor, benemérito e Cruz de Honra. Foi assim com José Ribeiro, que em 1890 tinha 13 anos eem 1955 recebeu o diploma de benfeitor.

O desenvolvimento de Santos, impulsionado pela exportação de café, importação de mercadorias, serviços e atividade portuária em geral, teve como participantes portugueses, brasileiros e outros estrangeiros, construindo a riqueza da cidade em meio a calamidades de saúde, buscando soluções para os problemas e concretizando projetos de infratestrutura.

Bibliografia

FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. "A presença portuguesa no comércio em Santos". In: MATOS, Maria Izilda; SOUSA, Fernando de; HECKER, Alexandre (orgs.). *Deslocamentos e histórias: os portugueses*. Bauru: Edusc, 2008.

_____. *Emigração portuguesa e sua influência no Brasil: o caso de Santos (1859 a 1950)*. Dissertação (mestrado) – FFLCH-USP, São Paulo, 1990.

_____. "Portugueses em Santos, vistos através dos registros de associados da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos (1879-1889)". In: SOUSA, Fernando de *et al* (coords.). *Um passaporte para a Terra Prometida*. Porto: CEPESE/Fronteiras do Caos, 2011.

FRUTUOSO, Maria Suzel Gil; PEREIRA, Maria Apparecida Franco. "Portugueses na vida econômica da cidade, em Santos, na segunda metade do século XIX". In: SARGES, Maria de Nazaré *et al* (orgs.). *Entre mares: o Brasil dos portugueses*. Belém: Paka-Tatu, 2010.

PEREIRA, Maria Apparecida Franco. "Portugueses no alto comércio santista no início da República Velha". In: MATOS, Maria Izilda; SOUSA, Fernando de; HECKER, Alexandre (orgs.). *Deslocamentos & histórias: os portugueses*. Bauru: Edusc, 2008.

PEDRO, Carina Marcondes Ferreira. *Santos, comércio e cultura material (1870-1900)*. Dissertação (mestrado em História Social) – FFLCH-USP, São Paulo, 2009.